

V43

Ano XLII • Número 1357 • De 5 a 18 de outubro de 2022 • Portugal (Cont.) €3,40 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos



JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

STINA

um tema e uma edição a não perder. Entrevista com a
mo Mendes e Miguel Real. Diálogo com Mónica Baldaque.
ra Martins, Inês Pedrosa, Isabel Rio Novo e Mário Cláudio



João Carlos Raposo Nunes Uma alegoria à beatitude

A. CÂNDIDO FRANCO

«A Geração Beat estadunidense teve desde cedo uma razoável fortuna em Portugal. Data de 1963 o livro de Jorge Daun, *Geração Batida*. Pode pensar-se que a tradução de Geração Beat por geração batida foi infeliz, mas o livro era aceitável, com uma introdução bem informada e uma antologia representativa. Primeiro grande momento da receção portuguesa desta geração americana, ele está ainda assim preso a uma conceção da literatura como estilo para se poder inserir no espírito desassombrado de revolta com que essa geração veio ao mundo com a edição do poema *Howl* (1956), de Ginsberg.

Quase contemporânea foi a edição portuguesa do romance de Kerouac, *On the Road* (1957), seguido logo pela tradução de *Dharma Bums* (1958). Em 1972 surge a primeira antologia de Lawrence Ferlinghetti, *Como eu costumava dizer*, em tradução de José Palla e Carmo, que no ano seguinte assinou a primeira versão portuguesa do mais representativo poema de



João Carlos Raposo Nunes

Ginsberg – “Uivo”. Desde então a fortuna portuguesa desta geração não parou, com renovadas traduções de Ginsberg, Kerouac, Ferlinghetti e Gary Snyder, onde é justíssimo destacar os recentes trabalhos de Margarida Vale de Gato, e com estu-

dos vários, onde paga a pena citar o livro de Luís Filipe Sarmento, *Beat*, acabado de sair.

Não creio que seja possível sistematizar um conjunto de princípios estéticos reveladores do que foi a Geração Beat. Aquilo que é perti-

nente para escolas e movimentos literários e artísticos anteriores não parece adequado para este círculo. O seu denominador comum é muito mais da ordem do simbólico do que do estético. A dívida que eles pagam ao passado não se faz pelo lado do modernismo anglo-saxónico e de poetas antiromânticos, como Eliot e Ezra Pound, mas pelo lado dum linhagem negra, subterrânea, rebelde à noção clássica de literatura, e que remontando a Lautréamont teve atualização no grupo surrealista de Breton.

O eco da Geração Beat em Portugal encontra-se sobretudo em sectores que ficaram à margem da evolução da literatura portuguesa. A assunção do princípio de rebeldia contra os valores patriarcais que caracterizou a Beat estadunidense acabou por coincidir entre nós com o explosão da queda do fascismo e com o calafrio libertário que percorreu o período da revolução. Essa violenta ventania abanou o convencionalismo de qualquer carreira e criou as condições para o surgimen-

to dum poesia que tinha tudo para entrar em rutura com a tradição e se impor como denúncia absoluta.

NESSE PROCESSO DISTINGUEM-

-SE dois grupos: o que se cristalizou em volta de Manuel Cadafaz de Matos, e em que se destacam João Carlos Raposo Nunes, Levi Condinho, António Cabrita e Abel Neves, e que publicou entre 1976 e 1977, e o que veio a lume nos mesmos anos nas chancelas de Vítor Silva Tavares e de Hermínio Monteiro, com destaque para Jorge Fallorea e para Paulo da Costa Domingos, que fundava logo depois a etiqueta Frenesim, que viria a editar pelo menos um dos poetas anteriores – Levi Condinho.

Joaquim Manuel Magalhães notou na época o primeiro grupo, tomando-o como um sintoma, a que todavia não associava nenhuma qualidade assinalável. Tenha-se em conta que um poeta como António Cabrita tinha então 17 anos e com exceção de Condinho, nascido em 1941, os restantes eram pouco mais velhos. Juntando à verdura da idade um desprezo soberano pela literatura e pelo seu jargão, entende-se melhor o juízo técnico de Magalhães.

João Carlos Raposo Nunes, nascido em 1955, tem um lugar especial nesta geração lisboeta. Foi o seu livro de estreia, *Todo o Voo (que termina) Neste Corpo* (1976), que decidiu Manuel Cadafaz de Matos, então jornalista no *Diário de Notícias*, a criar uma coleção (os cadernos *Tuboada da Marginalidade*) especialmente

poética que este lirismo percorre: uma senda onde está Frank O'Hara,

(p.21); “eu digo eu amo-te de uma vez por todas/ eu digo tudo pode ser amado num segundo/ eu sopra este

vocacionada para desenhar um programa inspirado nos valores contra culturais da geração *Beat*.

O livro prestava-se a isso. Escrito entre 1974 e 1975, refletia uma experiência vivida em Amesterdão no meio *junkie* e *hippie*. A toxicodependência fora o risco vermelho de poetas como Ginsberg, McClure e Philip Lamantia e dera a obra rara de William Burroughs; em João Raposo tornou-se a expressão duma atenção ao que de novo havia no real.

AUTODIDATA, NASCIDO NO BAIRRO POPULAR da Graça, Raposo Nunes, frequentador dos bares do Intendente, ofereceu-se aos 17 anos como voluntário para a Marinha. Foi mobilizado para a Guiné, desertando para Amesterdão, onde viveu a contracultura juvenil – sexo, droga e *rock*. Resultaram daí quatro livros: o de estreia, com prefácio de Manuel Cadafaz de Matos, *É Esta a Nossa Onda Gigante* (1977), *30 Haiku* (1977) e *O Rolar da Pedra* (1980).

A sua poesia evoluiu depois num sentido orientalizante, dando vazão à sua primitiva paixão repentista pelo haiku. O seu livro *Bulbul* (1990), com prefácio de Agostinho da Silva, é um momento raro em que a sua fala, cruzando influências desencontradas, atinge um ponto alto de decantação.

Foi esta maturidade que resolveu António Cabrita – era Raposo Nunes (o “alferes Raposo Nunes” como lhe chamou Agostinho da Silva) taxista em Lisboa e preparava-se para abrir a livraria Uni-Verso em Setúbal, hoje uma instituição histórica desta cidade

– a revisitar neste mesmo jornal (JL, 6-12-1988) o clima acelerado e louco dos anos da sua adolescência e do lugar que nela teve o poeta dos “versos anfetaminados” que iniciou em 1976 a *Taboada da Marginal-Idade*.

Surgiu agora uma antologia da poesia de Raposo Nunes, *Saiamos em Bandos Disparando Brita, Prata, Fumos*, organizada por Nuno Miguel Neves. Tomando para título uma frase da revisitação de Cabrita, trata-se dum excelente trabalho editorial, que salva do esquecimento as pequenas edições do poeta, a que junta valiosos inéditos (um deles na morte de Allen Ginsberg) e um competíssimo estudo introdutório, em que sumaria as questões que uma obra marginal como esta pode suscitar no quadro dos estudos literários.

Mesmo que haja um território não literário que convém preservar numa aventura poética tão subterrânea, é de toda a justiça o seu resgate histórico na cuidada coletânea com que Nuno Miguel Neves quis homenagear o poeta que de forma mais genuína expressou entre nós o espírito da atitude *beat*. **JL**.



▶ João Carlos Raposo Nunes
SAIAMOS EM BANDOS DISPARANDO BRITA, PRATA, FUMOS

Edição Nuno Miguel Neves, Maldoror, 116 pp., 12 euros

UM NIEMEYER É SEMPRE UM NIEMEYER

de **Carlos Oliveira Santos**

com os contributos de

Álvaro Siza e de **Santiago Calatrava**

Há dez anos, morreu um dos mais impressionantes criadores de arquitetura de todos os tempos. Esta é a história de uma das suas criações, que teve Portugal por destino. Em 1966, Oscar Niemeyer recebia um convite para conceber um conjunto de edifícios para a cidade do Funchal, que viriam a tornar-se um precioso património da modernidade.



de Egídio Namorado

autor. O organizador, que assina o prefácio e uma nota biobibliográfica, que é uma versão revista de um seu texto saído na revista *Nova Síntese*, escolheu e ordenou 25 textos. Excetuando dois que saíram em *O Tempo e o Modo*, um que saiu na *Seara Nova* e outro na revista *Eletricidade* (este, mais técnico, é uma especulação sobre a existência de um quantum de comprimento), todos os outros saíram na *Vértice*, que foi um viveiro do neorealismo (a ela pertence, além dos Namorados, Carlos de Oliveira, João José Cochofel, Rui Feijó, etc).

LEMBRO QUE O NOVO CANCIONEIRO, onde se inclui o *Aviso à Navegação*, de Joaquim Namorado, é de 1941, ano em que foi publicado também o romance *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes.

Os melhores textos de Egídio são de filosofia de ciência. Fica neles claro que não é um materialista lógico, mas sim um “materialista moderno”. Ao materialismo de pendor lógico-matemático baseado na experiência faltava a dimensão histórico-social que a sua orientação marxista propugnava. Exponente desses textos é a sua tentativa, em 1970, de conciliação do materialismo com as posições de António Sérgio, falecido no ano anterior, próximo do idealismo (Sérgio teve uma violenta polémica, nos anos 30 com Abel Salazar, e outra, mais fina, nos anos 40, na *Vértice*, com Bento de Jesus Caraça). Joel Serrão respondeu a Egídio, tomando para si as ‘dores’ de Sérgio.

Dos textos sobre história da ciência sobressai um sobre Galileu, de 1974. Nos textos sobre arte um de louvor ao neorealismo, de 1962. E, dos textos sobre cultura portuguesa, destaco dois sobre Camões, de 1966 e 1970, nos quais busca pontes entre o Camões épico, materialista, e o Camões lírico, idealista.

Já existia uma antologia de EN, *Ponto de Vista*, organizada pelo próprio e publicada pela *Vértice* em 1958, com reedição em 1977 (prefaciada por Ferrando Catroga), pelo que não é de estranhar que quatro textos coincidam nos dois livros. Mas o seu livro de estreia saiu em 1945, tecendo críticas ao Círculo de Viena: *A Escola de Viena e Alguns Problemas de Conhecimento*. Não foi aliás o primeiro português a fazê-lo: o filósofo e mais tarde também pedagogo Delfim Santos, que estudou em Viena, não ficou muito impressionado pela doutrina que bebeu diretamente na fonte (publicou em 1938 *Situação Valorativa do Positivismo*, tese de doutoramento que não foi aceite pela Universidade de Coimbra). Outros nomes críticos da Escola de Viena foram Vitorino Magalhães Godinho, que escreveu em 1940 *Razão e História*, tese de licenciatura na Universidade de Lisboa, e Vasco Magalhães Vilhena, marxista como os Namorados, que escreveu em 1941 um livro intitulado *Unidade da Ciência*, tese de doutoramento que foi reprovada em Coimbra tal como a de Delfim Santos (Vilhena defenderia outra tese na Sorbonne e seria um dos exilados que regressou de Paris num dos primeiros aviões após o 25 de Abril).

Conheci pessoalmente Joaquim Namorado, que me deixou uma forte impressão, mas não o seu irmão



Egídio Namorado



PROPRIETÁRIA/EDITORIA: TRUST IN NEWS, UNIPESSOAL LDA.

SEDE: Rua da Fonte da Caspolima - Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, nº8, 2770-190 Paço de Arcos NIPC: 514674520

GERÊNCIA DA TRUST IN NEWS: Luís Delgado, Filipe Passadouro e Cláudia Serra Campos.

COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTIDADE

PROPRIETÁRIA: 10.000,00 euros

PRINCIPAL AÇIONISTA: Luís Delgado (100%)

PUBLISHER: Mafalda Anjos

JL
JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

DIRETOR: José Carlos de Vasconcelos



REDATORES: Maria Leonor Nunes, Manuel Halpern, Luís Ricardo Duarte.
COLABORADORES PERMANENTES: Afonso Cruz, Agripina C. Vieira, A. C. Cortez, A. Mega Ferreira, Boaventura de Sousa Santos, Carlos Fiolhais, Carlos Reis, Daniel Tércio, Fernando Guimarães, Guilherme d'Oliveira Martins, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, Helena Simões, J. Rego de Almeida, João Govern, João Ramalho Santos, Lídia Jorge, Mª Emília Brederode Santos, Mª José Rau, Mª Augusta Gonçalves, Miguel Real, Nuno Jódice, Onésimo Teotónio Almeida, Paulo Guinote, Patrícia Portela, Sofia Soromenho, Tiago Patrício, Válder Hugo Mãe e Viriato Soromenho-Marques

OUTROS COLABORADORES: A. Laborinho Lúcio, A. Cândido Franco, A. Pedro Pita, A. Sampaio da Nôvoa, Ana Maria Bettencourt, Arnaldo Saraiva, B. Bénard-Guedes, C. Mendes de Sousa, Fernando J. B. Martinho, F. Pinto do Amaral, Gastão Cruz, Filinto Lima, E. Marçal Grilo, Graça Morais, Hélia Correia, J. de Loyola Brandão, Inês Pedrosa, João Abel Manta, João Barrento, João Costa, J. A. Cardoso Bernardes, Jorge Fazenda Lourenço, Jorge Vaz de Carvalho, José Luís Peixoto, José Manuel Castanheira, José Manuel Mendes, José Reis, J. Gomes André, Leonor Xavier, Manuel Alegre, M. Frias Martins, Marcello Duarte Mathias, Manuela Paraiso, Mª Alzira Seixo, Mª Fernanda Abreu, Mª Graciete Besse, Mª João Fernandes, Mª Helena Seródio, Mª Irene Ramalho, Mª Luísa R. Ferreira, Mário Avelar, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, M. Vieira de Carvalho, M. Sanches Neto, Miguel Carvalho, Nélida Piñon, Norberto V. Cardoso, Ondjak, Pilar del Rio, Ramón Villares, Ricardo Araújo Pereira, Rita Marmoto, R. Miguel Puga, Rui Vieira Nery, Salvato Teles de Menezes, Sérgio G. Sousa, Sérgio Rodrigues, Sofia Soromenho, Teolinda Gersão, Teresa Toldy, e Tiago Rodrigues

PAGINAÇÃO: Patrícia Pereira

SECRETÁRIA: Teresa Rodrigues

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Gesco

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS: Rua da Fonte da Caspolima - Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, 8 2770-190 Paço de Arcos - Tel.: 218 705 000 Fax: 218 705 001 email: jl@jornaldeletras.pt.

Delegação Norte: CEP - Escritórios, Rua Santos Pousada 441-sala 206/208, 4000-486 Porto - Telefone: 220 990 052

MARKETING: Vânia Delgado (diretora) - vdelgado@trustinnews.pt e Joana Hipólito (Gestora de Marca) - jhipolito@trustinnews.pt

PUBLICIDADE: Vânia Delgado (Diretora Comercial) vdelgado@trustinnews.pt; Maria João Costa (Diretora Coordenadora de Publicidade) mjcosta@trustinnews.pt; Mariana Jesus (Gestora de Marca) mjesus@trustinnews.pt; Mónica Ferreira (Gestora de Marcas) mferreira@trustinnews.pt; Rita Roselvo (Gestora de Marca) rroselvo@trustinnews.pt; Elisabete Anacleto (Assistente Comercial) eanacleto@visao.pt; Flórela Figueiras (Assistente Comercial) ffigueiras@visao.pt; DELEGAÇÃO PORTO: Margarida Vasconcelos (Gestora de Marca) mvasconcelos@trustinnews.pt;

BRANDED CONTENT: Rita Ibérico Nogueira (Diretora) rnoqueira@trustinnews.pt

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO: João Mendes (Diretor)

Telf Lisboa - 21 870 5000

Telf Porto - 22 099 0052

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO: Vasco Fernandez (Diretor); Pedro Guilhermino (Coordenador de Produção); Nuno Carvalho, Nuno Gonçalves e Paulo Duarte (Produtores); Isabel Antton (Coordenadora de Circulação)

ASSINATURAS: Helena Matoso (Coordenadora de Assinaturas)

SERVÍCIO DE APOIO AO ASSINANTE: Tel.: 21 870 50 50 (Dias úteis das 9h às 19h); apoiocliente@trustinnews.pt

IMPRESSÃO: Lisgráfica - Estrada de São Marcos Nº 27 - S. Marcos - 2735-521 Cacém. Distribuição: VASP MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal, Venda Seca, 2739-511 Agualva-Cacém Tel.: 214 337 000. Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt - Tel.: 808 206 545, Fax: 808 206 133

TIRAGEM MÉDIA: 6 800 exemplares

Registo na ERC com o nº 107 766

Depósito Legal nº 127961/98 - ISSN nº 0872-3540

Estatuto editorial disponível em www.visao.sapo.pt/informacao permanente

A Trust in News não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedade dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade, são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias. Interditada a reprodução, mesmo parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob qualquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais.

